

Um Registro Fotográfico das Manifestações que Tomaram às Ruas de Curitiba¹

Bruna Alves Teixeira²

Maria Zaclis Veiga³

Universidade Positivo, Curitiba, PR³

RESUMO

Esse paper tem como objetivo relatar a experiência de uma aluna do primeiro ano de jornalismo na cobertura fotográfica nas manifestações, que aconteceram em junho de 2013, na cidade de Curitiba. O processo de produção do registro fotográfico de uma manifestação de grandes proporções é um exercício intenso que reúne técnica, capacidade de observação e de oportunidade para retratar de forma coerente, ética e concisa.

Palavras-chave: cobertura fotográfica; experimentação; fotojornalismo, manifestações de junho;

INTRODUÇÃO

A fotografia é uma narrativa que permite ao fotógrafo relatar o acontecimento e ao leitor ampliar sua base de compreensão dos acontecimentos.

No jornalismo, a foto pode complementar o texto, ser mais do que ele e até falar por si mesma. Isso depende do olhar de quem está atrás da câmera e do assunto a ser retratado. Podemos falar através da foto o que diríamos bem através de um texto, mas não satisfaria. Há ainda, as fotografias que exigem uma bagagem cultural para uma boa interpretação e analogias. Uma imagem pode comprovar o que é dito, pode incitar a imaginação, emocionar, entristecer, horrorizar e principalmente informar. Barthes (1984) diz que a fotografia, é a certificação da existência do acontecimento. O noema fotográfico, “isso foi” que determina a presença do fotógrafo no local e, por isso, é indicativo de que “aquilo” aconteceu.

Além de contar uma história, a documentação das manifestações serve como registro da história do Brasil, neste caso especificadamente na cidade de Curitiba, capital paranaense.

¹Trabalho submetido ao XV Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 12 Produção em Fotojornalismo (avulso/ conjunto e série).

²Aluno líder do grupo e estudante do 1º Ano do Curso de Jornalismo, email: brunalvesteixeira@gmail.com.

³Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: jornalismo@up.com.br.

Partindo do princípio de que a fotografia é um recorte da realidade (ato fotográfico) e tem como função a documentação e registro histórico, podemos concluir que a fotografia é uma boa maneira de contar uma história. Gustavo Santana em artigo publicado no Observatório da Imprensa, diz que:

Os primeiros anos de experiência do fotojornalismo, no final do século 19, foram fundamentais para a constituição desta profissão e o reconhecimento de sua importância; a concepção de autoria de imagens, permitindo ensaios e documentários fotográficos, desenvolvimento da atuação destes profissionais como freelancer, a perda da privacidade com as "fotos-flagrantes", a consciência do momento certo para fotografar, por conta das dificuldades que ainda havia no manejo dos equipamentos e a percepção da fotografia como jornalismo. (SANTANA, 2009)

O pesquisador Jorge Pedro Sousa (1998) aponta a partir dos anos 1920, com a evolução dos aparatos técnicos de reprodução da imagem nos jornais e revistas, a fotografia tomou o lugar das ilustrações e passou a ser um aparato informacional nos jornais, ocupando um lugar simbólico representativo do cotidiano das cidades.

O texto pode detalhar todos os acontecimentos de um fato, ser imparcial e contar bem uma história, mas não é o suficiente. Veiga (2013) diz que

“As fotografias jornalísticas tomam para si o valor simbólico representativo de permitir ao público a sensação de estar presente nos lugares dos acontecimentos, e os proprietários dos jornais e revistas percebem nela um instrumento de onipresença que pode ser primordial para validar o discurso que veiculam. As publicações investem na programação visual e o cotidiano da sociedade é retratado pelas páginas das principais revistas e jornais”. (VEIGA, 2013, p69)

A fotografia torna os acontecimentos mais reais, verídicos e mostra ao leitor recortes do que aconteceu, além de dar uma visão mais profunda para quem apenas leria o texto e imaginaria de inúmeras formas diferentes. A fotografia esclarece.

OBJETIVO

Relatar a experiência de uma cobertura fotográfica das manifestações de 2013 em Curitiba e como ela pode ampliar a compreensão da fotografia como elemento narrativo imprescindível para o

jornalismo.

JUSTIFICATIVA

Por muito tempo a população brasileira se manteve quieta. Em junho de 2013 o povo retornou às ruas em todos os cantos do país para manifestar por melhorias políticas no Brasil. O estopim para sair às ruas foi o aumento da tarifa do transporte público, depois a saúde, educação de qualidade, combate a corrupção e combate aos gastos excessivos para o Mundial de 2014.

Algumas das grandes mídias e pessoas públicas taxaram a população como “um bando de baderneiros”, sem ninguém saber ao certo o que estava acontecendo. Havia crianças, idosos, jovens, pessoas de todas as idades, pessoas que haviam participado das “Diretas Já”, pessoas com boas intenções sonhando com um país “Padrão Fifa” e claro, a discórdia também marcou presença. No geral, a maior parte da população estava reivindicando pacificamente, e ninguém poderia deixar apenas a “baderna” ser manchete dos jornais.

Sabendo que um dos princípios básicos do jornalismo, estabelecido por Kovach (2001), é de que o papel do jornalismo é com a verdade, e juntando isto à paixão pelo papel da fotografia, percebeu-se que o ato de fotografar esta manifestação em Curitiba seria uma boa forma de contar a história.

Segundo a Folha de S. Paulo, 133 foi o total de pessoas feridas nos protestos de São Paulo, em 13 de junho. A repressão, violência e despreparo da polícia em São Paulo e no Rio de Janeiro causou indignação geral, o que impulsionou as manifestações no restante do país. Os eventos marcados através das redes sociais levaram vinte mil pessoas às ruas de Curitiba no dia 17. Nesta data, apenas oito pessoas foram detidas pela polícia. E no dia 21, 19 foram presas.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A cobertura fotográfica das manifestações ocorreu nos dias 17, 20 e 21 de junho de 2013, à noite.

A falta de recursos financeiros e limites do equipamento não foram desculpas para fazer um trabalho simplista. Não havia pauta específica, mas a vontade de fotografar os movimentos sociais foi o suficiente para resultar numa cobertura completa de cada protesto em Curitiba. Com uma Canon T1i (semi-profissional) e uma lente fixa 50mm *f*/1.8, a busca pelo melhor resultado esteve presente em todas as coberturas fotográficas. Além das dificuldades técnicas por conta de uma lente de pouco alcance, outros elementos que dificultaram a cobertura foram a chuva e o frio do inverno curitibano.

As manifestações aconteceram na rua, a céu aberto, portanto, estaríamos sujeitos a quaisquer imprevistos.

Operando a câmera em modo manual, o medo de perder um grande momento estava presente, aplicando os recursos aprendidos em sala de aula na rua, a escolha pela captura da maior quantidade de luz possível resultou na opção de ISO 3200. Embora tenhamos consciência de que o uso de um ISO tão alto gere o ruído de granulação na imagem, optou-se com base no argumento de que “é melhor granular uma imagem a perder o *momento decisivo* (Bresson 1952)”.

Ainda neste mesmo raciocínio a opção de abertura foi $f/1.8$, variando apenas a velocidade do obturador para obter uma fotometria correta. Todas as imagens competem composição e técnica manual. Outro ponto, a determinação da 50mm foi com intuito de ter uma lente compatível com a leitura do olho humano e obrigar o fotógrafo a se aproximar do conflito. Todas as fotos foram feitas em RAW, arquivo cru, também para não haver perdas e resultar numa qualidade maior.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Segunda-feira, 17 de junho de 2014.

A experiência

Ainda dá para ouvir os manifestantes cantando em frente a Universidade Federal do Paraná que são brasileiros com muito orgulho e com muito amor. “Queremos educação padrão fifa”, “URBS abre a Caixa Preta”, “Change Brazil”, “Desculpem o transtorno, estamos mudando o país”, “Luto por mim, por você e até por quem não quer saber”, “Sem violência”, foram uns dos inúmeros cartazes registrados fotograficamente nas manifestações de Curitiba.

O encontro foi na Boca Maldita, local conhecido desde o movimento das “Diretas Já” como ponto de início de protestos no centro da cidade e partiu até o Palácio Iguazu (sede do Governo do Estado). O protesto deste dia contou com a participação de 20 mil pessoas e foi na maior parte do tempo pacífica. O repúdio contra o vandalismo e depredação ao patrimônio público partiu dos próprios manifestantes que impediram intencionados a quebrar ou saquear lojas de concretizar o quebra-quebra. Policiais e guardas acompanharam a população de longe.

Depois da maior parte dos manifestantes já terem se deslocado para casa, alguns deles quebraram o portão do Palácio do Iguazu e a Tropa de Choque iniciou os tiros de bala de borracha e jogaram algumas bombas de efeito moral para dispersá-los. O fotógrafo Fernando Favero que estava presente nessa cobertura foi o único atingido, nesta data, por um estilhaço de bomba. Cientes

dos riscos que corriam a opção de permanecer e continuar a cobertura nos próximos dias se manteve.

As fotografias

O conjunto de fotografias desta data são referentes aos cartazes dos manifestantes, foi através desse olhar que pôde ser mais bem compreendido as reivindicações populares. Diversos pedidos envolveram assuntos políticos como saúde, transporte e educação. A fotografia mais marcante de todo o conjunto é a de um cadeirante em frente aos manifestantes e atrás, apesar da foto ter sido feita em $f/1.8$ e a profundidade de campo ter sido grande, um cartaz com a palavra “levante-se”, mesmo com tom de ironia a maior representação de que qualquer um poderia participar dos protestos, independente da idade, situação social e até mesmo de limitações físicas está presente nesta fotografia.



Outra da série é uma foto em que há uma mulher com a placa “Luto por mim, por você e até por quem não quer saber”, representando toda a população, pois até então, ninguém ao certo sabia o que estava acontecendo, muito menos estava participando e foi uma maneira que ela escolheu de dizer “Estou aqui, lutando por todos nós”.



Quinta-feira, 20 de junho de 2014

Com muita chuva, poucas pessoas foram às ruas da capital protestar, o ato reuniu cerca de 3 mil pessoas e os sinais de uma violência maior e os intitulados “black blocs” deram as caras nas ruas do Centro Cívico. A percepção por um aumento de manifestantes atrás da depredação do patrimônio público se evidenciaram nesta data, inúmeras pessoas escondendo o rosto já atiravam pedras e garrafas contra o prédio da Prefeitura.

Sexta-feira, 21 de junho de 2014

A experiência

Até dia 21, Curitiba era conhecida como a capital mais pacífica do país. Determinadas pessoas incitavam à violência e o que era pra ser a “2ª Farofada do Transporte Público” fixa na Rui Barbosa foi tomada pela desordem dos manifestantes que se dividiram e tomaram rumos opostos. Uma parte foi em direção a Arena da Baixada (Estádio do Clube Atlético Paranaense), e a outra, cerca de 10 mil pessoas, seguiu rumo ao Centro Cívico (sede do Governo do Estado do Paraná).

Chegou o momento em que manifestantes começaram a soltar fogos de artifício contra o palácio e a hostilizar a Tropa de Choque que estava localizada atrás do novo portão, totalmente equipada e planejada. Câmera a postos e preparada para enfrentar a tropa, não tinha como não pensar no Robert Capa e em sua frase conhecida e inspiradora “Se suas fotos ainda não estão boas o suficiente é porque você ainda não está perto o suficiente” (Capa 2014), neste momento a tropa de choque abriu os portões e foi em direção aos manifestantes atirando balas de borracha e lançando

bombas de efeito moral. Neste momento, entre correr e ir contra, a escolha foi por ir contra e ficar atrás da Tropa, correndo o risco de ser reprimida e até levar bomba ou ser acertada por uma bala de borracha sem preparo algum para enfrentar a situação.

Diferente das manifestações de outras cidades, em Curitiba a polícia não foi severa com a imprensa. Toda a mídia local se posicionou atrás da tropa de choque, salve a exceção da ÓTv (Canal de televisão por assinatura pertencente ao Grupo Paranaense de Comunicação/GRPCOM) que estava transmitindo os protestos em tempo real por um helicóptero. Nenhum jornalista ou manifestante foi atingido pela polícia nesta data.

A violência e rebeldia marcaram presença neste dia. Eram rojões atirados de um lado e bomba de efeito moral lançada do outro. Lojas saqueadas, estações de tubos destruídas, depredação à Prefeitura Municipal de Curitiba, enfim, patrimônios públicos e privados foram lesados. O sentimento de tristeza esteve presente em cada curitibano que era contra a depredação, talvez esse tenha sido um dos motivos de ter sido a última grande manifestação. A cavalaria e o corpo de bombeiros foram acionados. Depois da tropa avançar três quadras os manifestantes se dispersaram e finalmente o terror acabou. Para quem não está acostumado com tamanha violência, poderia comparar a uma guerra civil.

As fotografias

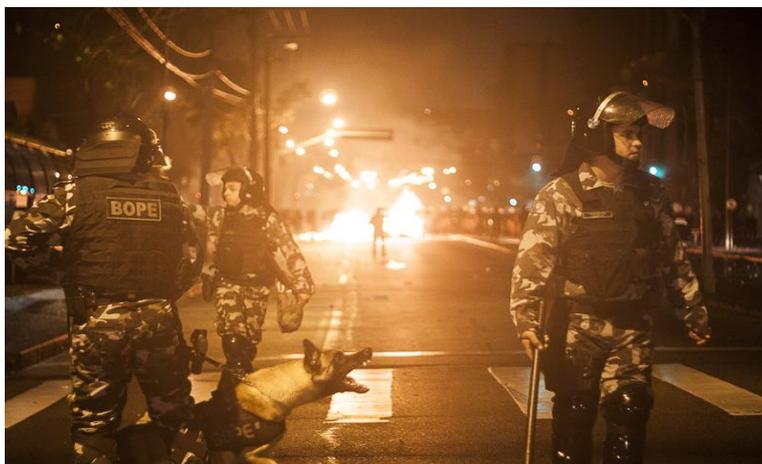
Fotografar este dia foi mais delicado e exigiu um cuidado maior. A principal intenção nesta data era mostrar a repressão policial e os danos ao patrimônio público. “O fotógrafo segue fotografando sob compulsão, porque não pode saber com antecedência e exatidão como a situação, ou cena, irá se desenrolar” (Bresson 1952), isso não significa sair disparando o obturador sem sentido nenhum, é importante ter um objetivo e pensar no momento de captar as imagens.

Tropa de Choque seguindo em direção aos manifestantes:

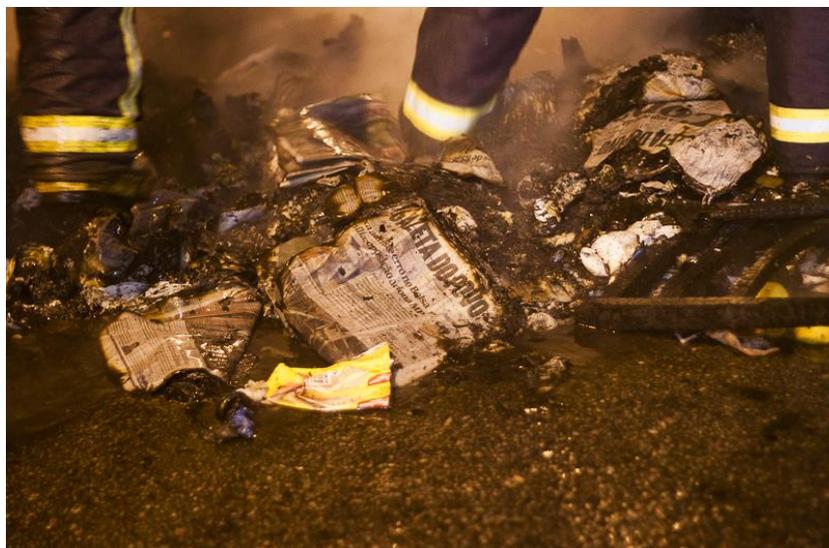


Manifestantes atearam fogo a cadeiras de madeira e em lixo no meio a Cândido de Abreu (Avenida do Centro Cívico) para separar a linha de frente da polícia do resto da população. Houve um recorte da cena: fogo ao fundo, como moldura três policiais da Tropa de Choque e abaixo, no centro, um Pastor Alemão latindo para a Tropa, fazendo referência a força da polícia, sem deixar de ilustrar o que estava acontecendo por parte dos manifestantes. Como ressalta Bresson:

O fotógrafo deve se assegurar ainda na presença da cena que esta se desenrolando, de que não deixou nenhuma lacuna, de que deu verdadeiramente expressão ao significado da cena em sua totalidade, pois depois será tarde demais. Nunca poderá repetir a cena para voltar a fotografá-la. (Bresson, 1952 p3)

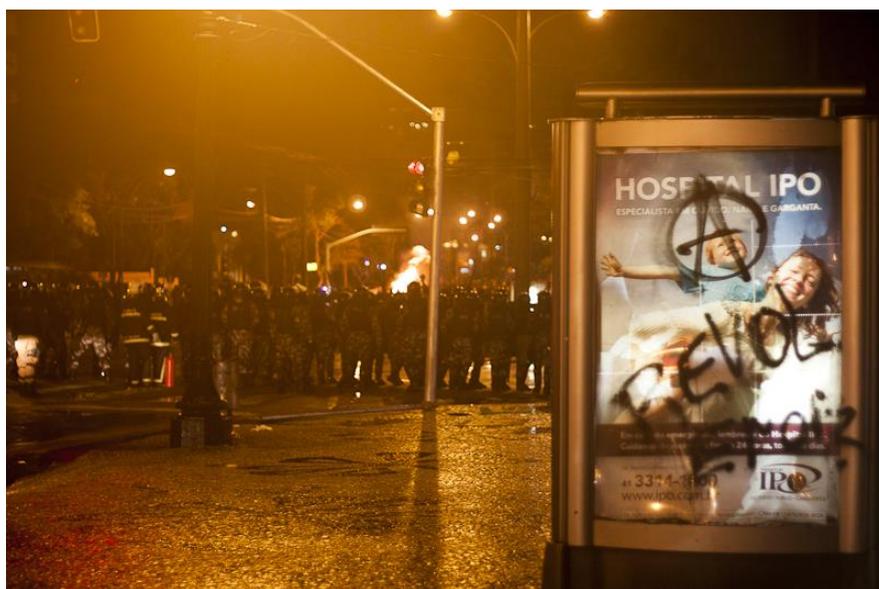


Após bombeiros apagarem o fogo, resquícios do jornal “Gazeta do Povo” estavam entre o que foi queimado. O jornal ao chão, junto a restos queimados, compoendo com pontos amarelos, dando mais ênfase à cena. A interpretação ambígua dessa imagem representativa pôde lembrar também, que além da população querer melhorias políticas, ela quer uma mídia fiel, sem manipulação e por outro lado, a resistência do jornal ter sido o único a sobreviver a tudo que foi queimado, até mesmo por ser um jornal impresso que sobreviveu no “boom” da tecnologia.



Um banner – representando o capitalismo - pixado com o símbolo do anarquismo e com as palavras “Revol é nós” posicionado na regra dos terços e com o resto do ambiente preenchido pela polícia e pelo fogo compõe uma imagem de desejo de revolução e – quem sabe – futuras mudanças sociais e políticas. No momento de fotografar uma manifestação, a oportunidade é única, a chance está ali e não voltará. Cada detalhe fotografado é importante no momento de contar uma história, principalmente numa cobertura dessa proporção, além do momento ser delicado exige muita concentração.

O mundo é movimento e ninguém pode permanecer estático em sua atitude relativamente às coisas que se movem. Algumas vezes chegamos à foto em questão de segundo; mas ela poderia requerer também horas ou dias. Não existe nenhum plano padronizado, nenhuma regra que oriente o trabalho. A ordem é manter o cérebro alerta, o olho e o coração alerta; e ter elasticidade no corpo. (BRESSION, 1952 p3)



O último registro, no fim da manifestação, foi feito no momento em que a cidade estava em silêncio e no final da Cândido de Abreu um barulho surgiu. Era um cadeirante sendo empurrado em alta velocidade por um homem. Não se sabe de onde ele surgiu, nem para onde seguiu. A única certeza era de que eles – independente das condições físicas – presenciaram um ato histórico.

CONSIDERAÇÕES

A necessidade da fotografia em uma reportagem jornalística é indispensável, a fotografia consegue levar o leitor a ter uma visão maior e mais fiel ao acontecido.

A experiência de cobrir uma manifestação desse tamanho proporciona uma bagagem para saber lidar com diversas situações no decorrer da profissão, inclusive porque há muito tempo não

acontecia uma manifestação dessa proporção. Na teoria e em sala de aula, inúmeras referências de bons trabalhos de reportagens fotográficas são mostradas, mas a experiência e a oportunidade de fazer na prática uma reportagem desse tamanho amplia a compreensão de todo o processo que se dá para obter um produtor final, e como os recortes de realidade constroem uma narrativa.

REFERÊNCIAS

BRESSON, Henri-Cartier. O momento decisivo. Disponível em <<http://ciadefoto.com.br/blog/wp-content/uploads/2010/03/Momento-Decisivo-Bresson.pdf>> Acesso em 25/03/2014

CAPA, Robert. *Biografia* disponível em <http://www.magnumphotos.com/C.aspx?VP=XSpecific_MAGBiography_VPage&AID=2K7O3R14TSPQ> Acesso em 25/03/2014

SANTANA, Gustavo Rozario. *Os primeiros passos do fotojornalismo*. Observatório da Imprensa. Disponível em: <observatoriodaimprensa.com.br/news/view/os_primeiros_passos_do_fotojornalismo Acessado em: 24 de março de 2014.>

SOUSA, J. P. (2002). *Fotojornalismo – Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>

VEIGA, Maria Zaclis. *Receituário Fotográfico – estudo comparativo entre o fotojornalismo de Portugal e Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade Fernando Pessoa, Porto. Portugal, 2013.